

# Satélites podem ter imagens padronizadas

LIANA JOHN

Até o ano 2000, pelo menos mais 50 satélites ambientais deverão ser construídos e lançados por 15 países, entre eles dois do Brasil. Os satélites vão dividir a tarefa hoje cumprida pelo Landsat 5 e Spot, no mundo ocidental, e pelo sistema Kosmos soviético, que recentemente foi bastante aperfeiçoado, com a instalação de novos sensores a bordo da estação orbital MIR. A superposição de funções é óbvia.

"O lançamento de cada satélite custa cerca de 500 milhões de dólares, mais 250 milhões para o sistema de recepção em terra", diz o alemão Gottfried Konecny, da Universidade de Hannover, que coordena um grupo de trabalho internacional sobre a questão. "O mundo não tem tanto dinheiro para desperdiçar." Konecny defende a cooperação internacional, no sentido de montar conjuntamente satélites mais sofisticados. "Se continuarmos separados, cada um construirá uma bicicleta, mas se ficarmos juntos fazemos um carro."

Márcio Nogueira Barbosa, do Instituto de Pesquisas Espaciais, Inpe, lembra que a um novo sistema de construção de satélites é preciso acrescentar uma nova política de preços. "Se fizermos uma es-

pécie de consórcio, onde cada país constrói uma parte, a recepção das imagens tem que ser gratuita", defende Barbosa. "Passaríamos a cobrar apenas o produto final, do usuário final." O Brasil paga hoje 600 mil dólares por ano para receber as imagens do Landsat. E o Spot custa 1,5 milhão anuais. "Por isso só existem 18 estações de recepção no mundo e os países subdesenvolvidos não têm o acesso necessário às imagens."

"Juntos podemos investir em áreas ainda carentes de informação, como os satélites com radar para regiões como a amazônica, com problemas de nuvens, ou um satélite com órbita equatorial ao invés de polar, para obter mais dados sobre florestas tropicais", coloca John MacDonald, da MDA, empresa que comercializa produtos de satélite no Canadá, e da Radarsat Internacional, responsável por um satélite com radar, previsto para 94/95.

Para MacDonald, o primeiro passo seria calibrar os satélites em construção para a obtenção de dados científicos. "Temos que entender o que estamos realmente fazendo com o planeta e isso não será possível apenas com imagens visualmente bonitas", pondera o canadense. "Só depois de definirmos o quê e por quê medir, poderemos desenvolver os equipamentos com os quais medir."